

**UNIVERSIDADE TÉCNOLGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGUEM E COMUNICAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA**

THIAGO ALEXANDRE CORREA

**BATISMOS, DESBATISMOS E REBATISMOS: IDENTIDADE, MEMÓRIA E
ESQUECIMENTO EM *ANTES DE NASCER O MUNDO***

CURITIBA

2018

THIAGO ALEXANDRE CORREA

**BATISMOS, DESBATISMOS E REBATISMOS: IDENTIDADE, MEMÓRIA E
ESQUECIMENTO EM *ANTES DE NASCER O MUNDO***

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura, Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, para obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Franz

CURITIBA

2018

THIAGO ALEXANDRE CORREA

**BATISMOS, DEBATISMOS E REBATISMOS: IDENTIDADE, MEMÓRIA E
ESQUECIMENTO EM *ANTES DE NASCER O MUNDO***

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista, do curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Curitiba, 18 de setembro de 2018.

Prof. Dr. Marcelo Franz – UTFPR – Orientador

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima - UTFPR – Avaliador

Prof. Dr. Roberlei Alves Bertucci – UTFPR – Avaliador

A folha de aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

Dedico à minha mãe Elsa, à minha avó Paulina e à minha tia Maria Luiza, tríplice feminina de minha maior influência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que direta ou indiretamente foram componentes do meu mosaico memorialístico-identitário cuja soma resultou no indivíduo que sou atualmente e que não se confunde com quem fui ontem nem com quem serei amanhã.

Meus agradecimentos especiais vão para minha mãe Elsa, responsável pelo principal pilar de sustentação deste mosaico de referências e também ao professor orientador, Marcelo Franz, por ter estimulado as iniciais pesquisas com Mia Couto resultando no permanente deleite que é ler a obra deste autor.

As pessoas acreditam que se suicidam. E nunca é assim. Dordalma, coitada, não sabia. Ela ainda acreditava que alguém pode cancelar a existência. Ao fim e ao cabo, só existe um verdadeiro suicídio: deixar de ter nome, perder entendimento de si e dos outros. Ficar fora do alcance das palavras e das alheias memórias.

(COUTO, 2016, p.212)

RESUMO

CORREA, Thiago Alexandre. Batismos, desbatismos e rebatismos: identidade, memória e esquecimento em *Antes de nascer o mundo*. 47 f. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa e Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

Mia Couto é atualmente o ficcionista africano de maior expressão em território brasileiro. Sua vasta bibliografia conta com mais de 30 títulos escritos em verso e prosa destacando-se por sua fértil disposição criativa para a invenção poética e linguística. Selecionamos para análise da presente pesquisa o romance *Antes de Nascer o Mundo o Mundo* (2016), intitulado originalmente como *Jesusalém*. A trama é narrada pelo garoto Mwanito que descreve o exílio que sua família é obrigada a enfrentar por determinação de seu pai, Silvestre Vitalício. Assim, eles são conduzidos para um território desprovido de qualquer contato social sendo que o protagonista sequer havia visto mulheres fisicamente até os seus onze anos, a não ser por intermédio das descrições emitidas por seu irmão Ntunzi. Essa obstinação pelo esquecimento é decorrente do traumático acontecimento da morte de Dordalma, esposa de Vitalício. Conseqüentemente o sentimento de culpa direciona-o na busca pela extinção de memórias passadas, fazendo com que ele proíba também os demais habitantes de evocarem lembranças remotas. Tendo isso em vista, a presente pesquisa tem a pretensão de observar de que maneiras as representações de identidade, memória e esquecimento são refletidas no romance. Em razão disso, os principais apoios teóricos relativos aos estudos memorialísticos foram: Halbwachs (2006) e Candau (2018), e os que dizem respeito à identidade; deslocamento e pós-colonialismo foram respectivamente: Hall (1998), Glissant (2005) e Bonnici (2005). Contamos ainda com outros referenciais complementares que impulsionaram a expansão das reflexões.

Palavras-chave: *Antes de Nascer o Mundo*. Identidade. Memória. Esquecimento.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 A INFÂNCIA CAOSMOLÓGICA DE MIA COUTO.....	12
3 A LITERATURA PÓS-COLONIAL E PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO..	16
4 MOSAICO IDENTITÁRIO.....	23
5 MEMÓRIA E IDENTIDADE EM ANTES DE NASCER O MUNDO.....	30
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	46

1 INTRODUÇÃO

O poeta e ficcionista Mia Couto tem se destacado nas últimas décadas por sua expressão literária em alcance universal. Possivelmente seja o escritor africano mais estudado pelos pesquisadores dos estudos literários e lido por públicos que não estão vinculados formalmente à academia, haja vista sua expressiva participação em eventos literários com superlotação de plateias.

Inicia sua atuação literária aos 14 anos escrevendo poesias para o jornal Notícias de Beira, no entanto a notoriedade de sua obra tem mais destaque com a publicação de seus textos prosa resultando em estimados elogios e premiações. Atualmente, sua bibliografia conta com mais de 30 obras escritas em verso e prosa. O primogênito romance, *Terra Sonâmbula* (1992) é considerado um dos dez melhores livros africanos do século XX e recentemente, no primeiro semestre de 2018, publica *O Bebedor de Horizontes* (2018) último componente da trilogia *As Areias do Imperador*.

Apesar de suas publicações com poesia terem iniciado na adolescência, seu olhar de poeta é ainda mais remoto. Essa sensibilidade que o acompanha desde a infância, momento em que decide ser apelidado como Mia devido ao afetivo envolvimento com os gatos, não o abandoa mesmo com a escrita em prosa. Sua engenhosidade linguística destaca-se pela infinita possibilidade de olhares resultante das combinações de sons, cores, formas, símbolos, que juntos e entrelaçados compõem sua linguagem original.

Surpreende-se quem associa poesia unicamente a temas confortáveis e “positivos”, dado que a poeticidade adotada pelo autor é também forma escolhida para narrar as dolorosas adversidades em seus vários contextos. O território ambientado por Mia é o continente Africano, mais especificamente Moçambique, e assim, eventos históricos e sociais relacionados ao país não poderiam deixar de ser focalizados.

Mia Couto se reconhece como um indivíduo de fronteiras, algo que possivelmente seja influenciado pela vasta diversidade cultural a qual manteve proximidade. Essa condição é um tema recorrente que se reflete não apenas como conteúdo de suas obras, mas também em sua linguagem, fértil em neologismos, empregados nela.

A memória, enigmática condição de existência, se faz existente também em suas narrativas. Em *Antes de Nascer o Mundo* (2016), originalmente intitulada *Jesusalém*, temos como um dos elementos centrais o desejo do esquecimento. A obra completa em 2019 dez anos de sua primeira publicação (2009) e tem como protagonista o garoto Mwanito, contando com 11 anos na maioria dos eventos em que são narrados. Seu pai, Silvestre Vitalício, é impactado pela traumática perda de sua esposa Dordalma e a partir de tal acontecimento concentra-se na busca pelo apagamento do tempo que passou. Assim, ele determina que passem a viver em Jesusalém, território isolado do resto do mundo, com intenção de isolar-se também das memórias passadas. De modo a sustentar o esquecimento, uma série de determinações é imposta aos habitantes. Além da proibição de evocar memórias, do contato com a palavra escrita e também da tentativa (frustrada) de impedir que seus filhos sonhem, Silvestre ainda organiza uma celebração de “rebatismos”, empregando novos nomes aos moradores de modo a impedir que os anteriores evoquem memórias passadas. O único que não recebe nova denominação é o protagonista Mwanito, pois contando com apenas 3 anos na data da mudança, ainda era desprovido da faculdade de armazenar memórias, e sem lembrar do passado não carecia de um novo nome.

O romance é subdividido em três principais capítulos: *Livro 1 – A Humanidade*, *Livro dois- A Visita* e *Livro 3 – Revelações e Regressos*. No primeiro é onde são apresentados os habitantes de Jesusalém e também as causas que os levaram a se exilarem neste território. No segundo é onde surge a portuguesa Marta, personagem que está em busca do marido Marcelo e nessa trajetória acaba aproximando-se dos exilados, acabando por cumprir, no *Livro Três*, papel definidor na vida de Mwanito.

Em relação ao tema da memória, não é apenas o desejo do seu esquecimento que encontramos na trama. Também percebemos a construção de uma memória construída não de modo autônomo e sim a partir do relato dos outros. É o que ocorre com Mwanito, que não se recorda de nada anterior à Jesusalém e conta apenas com os relatos dos demais personagens para construir seu imaginário.

Tendo isso em vista, a presente monografia tem o propósito de observar como são construídas questões relativas à memória, sua indissociação com a identidade e também sua relação com o esquecimento. Este estudo está dividido em 5 capítulos sendo o primeiro referente à introdução e o segundo destinado a fazer

uma breve apresentação do autor da obra. No terceiro iniciaremos as discussões teóricas relacionadas à emergência das literaturas pós-coloniais e sua associação com questões de identidade (s) multiculturais e deslocamento. Para isso, os principais teóricos consultados foram Edouard Glissant (2005), Stuart Hall (1998), Thomas Bonnici (2005) e Zilá Bernd (2003). No quarto capítulo introduziremos as questões relativas a memória, sem abandonar as reflexões que dizem respeito à identidade, tendo em vista o caráter indissociável que ambos os conceitos estabelecem. O principal apoio teórico utilizado nessa seção foi Joël Candau (2018) e Maurice Halbwachs (2006). Finalizamos, no quinto capítulo, buscando associar as contribuições teóricas ao romance analisado.

Antes de Nascer o Mundo caracteriza-se como uma pluralíssima obra em pelo menos dois significados que este adjetivo sugere. O primeiro diz respeito à pluralidade cultural, enquadrando-se em um exemplo de romance pós-colonial que, de modo bastante original, desafia os eurocêtricos critérios de literariedade. Já o segundo significado, se deve a sua pluralidade de questões humanas e existenciais que a trama oferece, como a relevância de que questões memorialísticas influenciam na constituição de um sujeito efetivamente humano, orientando e estimulando ainda uma construção consciente de si, identitariamente falando.

2 A INFÂNCIA CAOSMOLÓGICA DE MIA COUTO

Antônio Emílio Leite Couto é natural da cidade de Beira, Moçambique. Nascido em 05 de julho de 1955 e filho de pais portugueses que haviam imigrado ao continente africano, é inserido no universo fabular das estórias e da fantasia bastante precocemente, assim como também é precoce seu contato com contextos que envolviam questões sociais e políticas. Filho do poeta e jornalista Fernando Couto, seu pai era contrário ao regime ditatorial vigente na então colônia portuguesa e isso resultava em muitas dificuldades econômicas. Apesar disso, ou talvez justamente devido a isso, sua mãe, exigia que a leitura fizesse presença na realidade familiar: *“Aos olhos práticos de minha mãe, devíamos conter nos gastos. No entanto, as estantes iam crescendo, atapetando quartos e corredores, forrando as paredes de minha infância”*. (FONSECA, 1998, p.2). É ainda durante a infância que percebemos sintomas iniciais de sua inclinação para poeta, momento em que se autobatiza como Mia. Ele afirma que o desejo por essa nova identidade é decorrente da aproximação e do amor que sentia pelos gatos e assim, em uma dada ocasião, anuncia aos pais que desejava ser chamado por seu novo nome.

Não é a toa que considera a linguagem do caos como o primeiro idioma experimentado na infância, o qual oportuniza que se vivam todas as vidas que se tem vontade. É a “caosmologia” definida por James Joyce (COUTO, 2009, p.12) que oferece uma linguagem semelhante à que é utilizada na infância e também pelos poetas e ficcionistas.

Essa linguagem do caos experimentada por ele quando criança nunca o abandonou. Esse mesmo direcionamento para a criatividade, que o influenciou a ter um novo nome, manteve acesa sua disposição sensível e criativa para poeta. Isso é evidente em todas as suas obras e não apenas nas escritas em verso.

Aliás, ainda que tenha iniciado sua atuação como escritor produzindo poesia, considerando sua forma em verso, é evidente que sua expressão poética nunca se distanciou, está evidenciada inclusive nos textos em prosa. Isso talvez se dê por sua inquietação para uma transcendência, pois considera que isso se resulta em uma linguagem que ultrapassa os limites da realidade, resultando num canal de transmissão para o além-mundo:

O que advogo é um homem plural, munido de um idioma plural. Ao lado de uma língua que nos faça ser mundo, deve coexistir uma outra que nos faça

sair do mundo. De um lado, um idioma que nos crie raiz e lugar. Do outro, um idioma que nos faça ser asa e viagem. Ao lado de uma língua que nos faça humanidade, deve existir outra que nos leve a condição de divindade. (COUTO, 2011, p. 24).

Através dessa linguagem construída para suas obras, Mia Couto nos oferece o imaginário coletivo de Moçambique, possivelmente ilustrado por intermédio de suas referências pessoais, como suas memórias de infância e também sua formação e atuação como biólogo. Ele informa em entrevista concedida à Celina Martins (2002), que nos anos que antecederiam à independência de Moçambique, as fronteiras étnicas não eram facilmente delimitadas e naturalmente eram comuns a mestiçagem e o pluralismo. Esse elemento é visivelmente encontrado em suas obras e podemos deduzir que alguns dos reflexos possam vir de sua convivência de João Joãoquino, irmão negro adotado pelos pais, ou de sua convivência com os vizinhos indianos, pretos, mulatos ou chineses. Atuando como biólogo também, pôde transitar por distintos territórios de seu país ampliando suas redes de referências.

Equivoca-se quem pretende inserir Moçambique em uma única identidade cultural, uma vez que isso é inviável de se definir para qualquer nação existente. Em Moçambique essa inviabilidade é ainda mais complexa tendo em vista os eventos sociopolíticos existentes na história do país, como o processo colonizador e a independência. A partir de suas criações literárias e entrevistas o moçambicano sugere a impossibilidade de existirem fronteiras culturalmente delimitadoras. Afirma que, se essas fronteiras existem elas atendem apenas interesses teóricos e ideológicos, pois o processo de construção de identidade de uma nação inviavelmente consegue dar conta de representar toda a diversidade nela existente. Isso porque uma identidade individual é construída a partir do contato com o outro e isso só acontece com o rompimento das margens e no cruzamento entre fronteiras.

Apesar de o idioma empregado nas obras de Mia Couto ser a língua portuguesa, a presença de elementos da tradição oral e popular em Moçambique não passa despercebida. O idioma vigente, imposto no processo de colonização, é engenhosamente ressignificado pelo poeta, carregando elementos existentes em dialetos de Moçambique, denotando assim um meio de resistência cultural, ainda que essa possa não ser a razão pretendida pelo autor. Resulta da interação entre oralidade e escrita o que se denomina como oratura. (FONSECA, 2008, p.63). Os processos de colonização e independência não eliminaram a marcante presença da oralidade entre as populações. Exemplo disso é como se dá a manutenção da

memória cultural daquelas populações é a resistente presença dos provérbios, algo bastante frequente nas narrativas de Couto. Lourenço Rosário esclarece:

Há a tendência de se pensar que somente a escrita pode resistir ao desgaste do tempo, transmitindo às gerações vindouras os seus ensinamentos. É natural que tal convicção não corresponda à realidade dos fatos. Está mais que provado que as comunidades sem escrita encontram formas, por vezes muito mais eficientes de conservação e veiculação dos seus valores através das gerações. (RIOS, 2005, n.p.)

A oratura, no entanto, não define de maneira reducionista, o que caracterizaria toda literatura africana. Evidentemente que a oralidade presente naquele território será uma influente determinante, mas não exclusivo.

Infelizmente, a mentalidade cultural decorrente da colonização cria uma imagem de que há idiomas superiores, os hegemônicos, e inferiores, os não oficiais. Essa construção social acaba por desvalorizar os não hegemônicos, como a linguagem oral dos povos nativos, por considerá-los como de menos prestígio. No entanto, as narrativas de Mia Couto, oferecem uma possibilidade de incentivo à valorização das multiplicidades linguístico-culturais.

Como já citado, não é propósito do romancista simbolizar uma identidade puramente moçambicana, uma vez que isso não seria possível considerando as inúmeras “moçambiques” que existem em seu país. No entanto, considerando a perspectiva alegórica de sua literatura, o que se destaca é sua capacidade de resignificação, aliando elementos existentes na oralidade aos ineditamente construídos pelo autor. Ou ainda, utilizando elementos já existentes e propondo novas reformulações, as quais são aceitáveis e utilizáveis apenas em seus enredos e durante o pacto ficcional. Afinal, “ninguém em Moçambique fala da maneira como escreve Mia Couto, e esse é apenas um dos pontos que revelam sua inovação linguística”. (PESTANA apud RIOS, 2005, n.p.). Ainda,

[...] em Mia Couto é exatamente a linguagem luminar que, *não imitando a fala de Moçambique* – como lembra Pestana –, a enriquece de possibilidades, de uma cinética, uma teia semiótica: fala, escrita, imagem, música e símbolo. (RIOS, 2005, n.p.).

Assim, a linguagem coutiana, ou “miambicana” sugerida pelo ficcionista angolano Ondjaki (2013, p.28), é mais uma vez evidenciada por sua poética originalidade. Considera-se, portanto, que ele esteja condenado à poesia uma vez

que ela o acompanha desde a infância e, nem as evidências nem o próprio autor, parecem desejar separações.

3 A LITERATURA PÓS-COLONIAL E OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO

Na última década têm crescido no território nacional as discussões histórico-artísticas que dizem respeito à relação entre o Brasil e África e a presença dos povos originários na história do Brasil, assim como suas expressões artísticas manifestadas neste território. Em alguma medida, isso possivelmente tenha influência das leis 11.639 e 11.645, de 2003 e 2008 respectivamente, as quais determinam a presença da história e cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino básico público e privado, tendo em vista o período coincidente entre a vigência das leis e a emergência de tais discussões. Também nas últimas décadas tem sido tema de interesse por alguns pesquisadores a crítica pós-colonial, e estas discussões também têm-se refletido nos estudos literários. Vale lembrar ainda que neste ano completam-se 10 anos de vigência da última lei citada e isto é mais um motivo para tais discussões, além dos aspectos sócio culturais que são de suma necessidade.

Literatura pós-colonial, como o próprio termo sugere é o termo utilizado para identificar as expressões literárias surgidas no período pós-colônia ou pós-independência. Entretanto, recortes temporais ou demarcação de períodos precisos são insuficientes para classificar o que seria a literatura pós-colonial, pois sua especificidade vai muito além disso. Com o avançar das décadas essa manifestação ampliou suas possibilidades de significação e atualmente assume principalmente um caráter multicultural e pluriidentitário, uma vez que focaliza o protagonismo dos grupos minoritários, assim entendidos. Discorreremos a seguir, de modo mais amplo, sobre as especificidades da literatura pós-colonial, suas relações com os processos de identificação e de que modo isso se manifesta nas narrativas de Mia Couto.

3.1 O GERMINAR DAS NARRATIVAS PÓS-COLONIAIS

Para inúmeros círculos de discussões as “veias abertas” deixadas pelo massacre da colonização, como bem defende Eduardo Galeano, essa perversidade ultrapassa a dominação e a violência física. Além do extermínio de povos inteiros, o processo colonial também compromete significativamente a cosmovisão dos povos originários e “coloniza” em alguma medida, também os seus costumes e sua visão

de mundo. Isso se dá pelos eventos políticos que, dependendo do discurso hegemônico de poder, determinam suas visões ideológicas e que por longo período não possibilitou a presença de outros discursos, pelo menos até a vigência das emancipações políticas. No caso da África, a literatura pós-colonial pode ser observada em dois momentos, conforme afirma o historiador Viegas f. da Costa em entrevista dada ao Programa Literatus TV¹. Durante sua exposição ele cita Kwame Anthony Appiah, filósofo e escritor anglo-ganês e sua obra *Na Casa do Meu Pai*. Segundo Viegas, Appiah propõe que num primeiro momento a literatura pós-colonial apresenta um caráter nacionalista, tendo em vista a recente independência política e uma busca por uma emancipação identitária. O segundo momento, entretanto, no final da década de 80 e início da década de 90, caracteriza-se pela manifestação de novas estéticas, que apresentam como prioridade o debate sobre os processos identitários e não mais a construção de uma identidade nacional. Inclusive, um dos enfoques dessas novas estéticas é justamente debater os moldes como essas nações foram construídas, tendo em vista as suas contradições e as pluralidades identitárias. Sobre esse raciocínio, Bonnici (2005, p.11) contextualiza a respeito das circunstâncias em que a Literatura pós-colonial é construída:

A literatura pós-colonial narra ficcionalmente evento de povos colonizados e cria uma estética a partir do excluído. Esses eventos oferecem uma percepção aguda sobre a vida daqueles cuja identidade e cultura foram transformadas pelo colonialismo. As literaturas pós-coloniais referem-se às obras escritas por pessoas cujos países foram colonizados pelas potências européias, principalmente, a Inglaterra, a França, a Espanha, o Portugal, a Holanda. Portanto, a literatura oriunda de países como a Nigéria, Uganda, e África do Sul, Malta, Gibraltar, as ilhas do Caribe, a América espanhola e portuguesa, a Índia, as Filipinas, a Austrália, o Canadá, a Nova Zelândia, é considerada pós-colonial já que emergiu da experiência da colonização, se firmou na tensão com o poder imperial, e atualmente se destaca por suas diferenças dos pressupostos da metrópole. É exatamente a experiência da supressão de sua cultura e da eliminação de suas identidades que integra o conteúdo das narrativas de povos pós-coloniais. Quando herdaram essa realidade, eles criaram obras literárias que resistiram aos valores historicamente construídos pelos colonizadores e forneceram uma visão diferente e alternativa do mundo. (BONNICI, 2005, p. 11)

Nota-se, então, que as manifestações artísticas pós-coloniais caracterizam-se pelo caráter histórico geográfico, por estarem inseridas em países originados do processo de colonização, mas destacam-se principalmente pela ênfase dada ao

¹<https://www.youtube.com/watch?v=dQyeJPOEy6g>

protagonismo dos colonizados, ao exigirem que suas histórias sejam narradas por seus próprios grupos, e não mais sejam construídas e veiculadas pelo colonizador. Dessa maneira, a literatura além de nascer com a pretensão de protagonismo ela também oferece o direito de fazer germinar identidades múltiplas.

Devido ao seu caráter plural, isto é, o local de enfoque se dirigir a grupos que por longo tempo tiveram suas vozes silenciadas, ela dialoga com as reflexões que giram em torno da ideia de alteridade e de identidade e, oportunamente, recorreremos à BERND (2003,p.17) ao afirmar que “a identidade é um conceito que não pode afastar-se do de alteridade: a identidade que nega o outro permanece no mesmo”. Portanto, é pertinente que reflexões sobre essas ideias sejam aqui propostas. Além disso, os efeitos da globalização também se relacionam com a emergência das expressões pós-coloniais, e, portanto, também devem ser levantadas algumas discussões a esse respeito como o que segue.

3.2 AS IDENTIDADES E OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO

As discussões que regem os estudos da literatura pós-colonial requerem que aspectos do processo de construções de identidade sejam debatidos. O período em essas novas expressões se manifestam coincide com o surgimento das discussões identitárias e também com os processos de globalização. Possivelmente esses eventos todos influenciam-se entre si e, conseqüentemente, a repercussão das discussões acontecerá em momentos simultâneos. Um dos efeitos destes três fenômenos (do processo da colonização, do transito de identidades e da globalização) é a hibridização que está associada à ideia de deslocamento que, como bem contextualiza Stuart Hall (1998, p.16):

Esneht Laclau (1990) usa o conceito de “deslocamento”. Uma estrutura deslocada é aquela cujo centro é deslocado, não sendo substituído por outro, mas por “uma pluralidade de centros de poder”. [...] As sociedades da modernidade tardia, argumenta ele, são caracterizadas pela “diferença”; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito” – isto é, identidades – para os indivíduos. (1998, p. 17).

Essa característica da modernidade tardia é um processo esperado tendo em vista os acontecimentos da contemporaneidade e, felizmente, ela ambienta as

discussões para que as perspectivas de grupos historicamente excluídos tenham melhores condições de ser ouvidas. Para isso, é fundamental que haja uma disposição para o exercício de contato com outro, associado de modo abrangente com a alteridade, aproximando-se daquilo que Glissant (2005, p. 28) defende como poética da relação. Isso significa estimular que as práticas culturais em sociedades sejam exercidas pela perspectiva da identidade rizoma, aquela que não se sustenta em um único ponto fixo, mas que vai ao encontro de várias ramificações, e principalmente uma identidade que vá de encontro ao outro (do latim, alter).

Ao raciocinar sobre o que seria a identidade, Zilá Bernd (2003, p.16) menciona a definição proposta por Levi Strauss (1977) como sendo uma entidade abstrata, mas indispensável como ponto de referência. Em complementação, a pesquisadora afirma que:

[...] referentes empiricamente verificáveis como, por exemplo, a cor da pele, o sexo, etc, não são suficientes para compor a identidade dos negros ou das mulheres. Uma identidade construída a partir da cor da pele ou da pertença biológica ao sexo feminino – dados empíricos – revela-se como uma identidade de primeiro grau ou aquela que se constrói como unidade discreta e circunscreve a realidade a um único quadro de referências, visto que inumeráveis são os referentes que podem intervir para “identificar” um indivíduo: referentes de ordem biológica, histórica, cultural, sociológica, psicológica, etc. (BERND, 2003, p. 16).

Percebe-se que, elementos facilmente palpáveis que tendem a ser reducionistas não serão suficientes para pensar este conceito. Sua complexidade exige que considerações mais amplas e imprescindíveis sejam levantadas. Outra proposta de observação é levantada por Stuart Hall (1998), afirmando que a identidade na concepção do sujeito pós-moderno é definida historicamente, e não biologicamente como havia sido apresentada anteriormente:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 1998, p. 13).

Não é de se surpreender, portanto, que com o intercâmbio cultural tenha se ampliado a pluralidade identitária, oferecendo um mosaico com uma maior soma de combinações, resultando na hibridização cultural decorrente do processo de deslocamento.

Se por um lado o processo colonial é reconhecido como prejudicial aos grupos colonizados, e inquestionavelmente essa perversidade resultou em efeitos irreversíveis devendo, portanto, jamais ser esquecido, por outro, grupos colonizados acabaram por se apropriar de alguns recursos do colonizador de modo a subverter noções de valores unilaterais, como é o caso dos idiomas hegemônicos, que podem assim ser utilizados como instrumento em favor da voz de resistência:

As literaturas pós-coloniais emergiram conforme o grau de desenvolvimento da consciência nacional. Como os colonizadores continuavam impondo a sua cultura sobre as tradições dos nativos, os colonizados iniciaram um processo pelo qual adotaram costumes dos colonizadores. Processou-se a hibridização das culturas do colonizador e do colonizado embora a hierarquização como norma ficasse instalada. Em outras palavras, os valores sociais, culturais e religiosos dos colonizadores se tornaram regra. Todavia, os colonizados encontraram meios para utilizar regras, frequentemente eurocêntricas, para resistir à opressão. A língua europeia ficou um instrumento de subversão. “A língua torna-se um meio através do qual uma estrutura hierárquica de poder se perpetua e pelo qual os conceitos de ‘verdade’, ‘ordem’, e ‘realidade’ se estabelecem. Esse poder é rejeitado quando emerge uma voz efetiva pós-colonial” (Ashcroft et al., 1991, p. 90).(BONNICI, 2005, p. 11).

Apropriar-se de um recurso do colonizador não se constitui necessariamente como uma escolha simplista e arbitrária, mas certamente foi a estratégia mais efetiva que muitos dos grupos silenciados acabaram encontrando para elevar o volume de suas vozes, caso contrário permaneceriam inescutáveis. Em sociedades que apresentam um único idioma oficial e hegemônico, por exemplo, é ele quem rege as relações coletivas sustentando os modelos eurocêntricos. As sociedades colonizadas, no entanto, se apropriam dele com intenção de desmistificar os estereótipos construídos a seu respeito, por séculos de dominação e silenciamento, e também, a partir dele ressignificam sua estética particular.

É inviável, portanto, como alguns podem ter a pretensão, se caracterizar uma literatura como pura e essencialmente africana, pois enfrenta-se assim o perigo de recair na mesma armadilha que as narrativas nos moldes eurocêntricos idealizavam, imersa em estereótipos redutores que não dariam conta de representar a pluralidade cultural de África. O próprio Mia Couto em “Que África escreve o escritor africano?”

texto de opinião, resultante de uma de suas conferências e disponível em sua obra *Pensatempos*, defende que:

Alguns se apressam a encontrar uma essência para aquilo que chamam de “africanidade”. Na aparência, eles estão ocupados em encontrar uma raiz para o orgulho de serem africanos. Mas, afinal, eles se assemelham à ideologia colonial. África não pode ser reduzida a uma entidade simples, fácil de entender e de caber nos compêndios de africanistas. O nosso continente é o resultado de diversidades e mestiçagens. (COUTO, 2005, p. 60).

Ao pensar a identidade e sua relação de globalização, pós-modernidade e pós-colonialismo, é bastante viável e conveniente ter em mente conceitos que indiquem pluralidade e movimento. Isto é, quanto mais ampla for a rede de relações de um sujeito, a tendência é haver uma maior pluralidade de identificações. Igualmente, com o passar do tempo, essas identificações podem ser transformadas, substituídas, adormecidas ou mesmo eliminadas. Cada indivíduo constituirá seu próprio conjunto de identificações e essa constituição, como já dito, tende a ser mais espontânea que voluntária pois dependerá de elementos diversos que a influenciem, tais como: grupo social, idade, tempo, acesso ou não a ferramentas que ampliem os processos de identificação (como a tecnologia da informação).

Considerando que as produções literárias são representações da realidade, elas também serão influenciadas por essa pluralidade de identificações. Nesse sentido, Glissant (2005, p.81) defende a presença de uma literatura que estabeleça a relação, ou seja, uma vasta possibilidade de relações e combinações, de modo a legitimar a presença e manutenção da diversidade. Assim a concepção do SER, que talvez esteja inclinada à ideia de fixidez, deva ser substituída pela concepção do SENDO que sugere uma noção de amplas possibilidades e deslocamentos:

[...] Tenho a impressão de que uma literatura épica nova, contemporânea, começará a despontar a partir do momento em que a totalidade-mundo começará a ser concebida como comunidade nova. [...] A nova literatura épica estabelecerá a relação e não a exclusão. Finalmente, essa literatura épica talvez faça economia da noção de ser, para surpreender-se com o imaginário do *sendo*, de todos os *sendos* possíveis do mundo, de todos os existentes possíveis do mundo. A questão do ser não se apresenta mais a partir da visão dessa solidão vantajosa à qual havia se reduzido o pensamento do universal. O universal transformou-se em diversidade, e esta o desordena. O que significa que a questão do ser, por si só, não supõe mais a legitimidade, desviada que é pelos assaltos das diversidades concorrentes do nosso mundo. Em outras palavras, o que dita as “regras” não é mais o antigo direito universal mas o acúmulo de relações. (GLISSANT, 2005, p.81).

A linguagem é um dos meios que possibilita os nascimentos ou “desnascimentos” destes que vão tomando forma e significado através dela. Desprovidos de tais códigos, os sujeitos (e sua literatura) estariam parcialmente ou completamente privados de possibilidades de existência. Como bem recomenda o próprio Couto, em um de seus ensaios integrantes de *E se Obama fosse africano?*:

As línguas servem para comunicar. Mas elas não apenas “servem”. Elas transcendem essa dimensão funcional. Às vezes, as línguas fazem-nos ser. Outras, [...] elas fazem-nos deixar de ser. Nascemos e morremos naquilo que falamos, estamos condenados à linguagem mesmo depois de perdermos o corpo. Mesmo os que nunca nasceram, mesmo esses existem em nós como desejo de palavra e como saudade de um silêncio. (COUTO, 2011, p. 13).

Naturalmente isso é refletido nas obras do romancista, seja pela engenhosa estética da linguagem empregada em suas obras, unindo elementos oriundos da linguagem oral e escrita, assim como nos elementos criados exclusivamente para suas narrativas. Além disso, seus enredos muitas vezes propõem relações de partilha e intercâmbio e cominações de identidades, como o que ocorre em *Antes de Nascer o Mundo*.

4 MOSAICO IDENTITÁRIO, MOSAICO MEMORIALISTICO

A manifestação da memória e de identidade são temas recorrentes nas obras de Mia Couto, oferecendo assim oportuno espaço para se pensar na relação indissociável entre ambos os aspectos. Isso significa que, para haver busca identitária, o trajeto inevitavelmente percorrerá o terreno da memória, e o inverso igualmente ocorre, visto que, os processos de identificação também são determinantes durante o ato de lembrar: Nesse sentido, Joel Candau afirma:

De fato, memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente. (CANDAU, 2018, p. 19).

Além disso, retomemos a ideia de que a identidade está bastante associada às palavras que indicam movimento, tais como trânsito e fluidez, e este esse raciocínio também é favorável para se pensar a constituição da memória tendo em vista seu caráter de movimento e de mutabilidade e transformação. Isso porque, também no ato de lembrar não teremos o contorno de imagens idênticas e definitivas em todos os momentos, uma vez que ele sofre influência de fatores diversos que servem de substância na formação das memórias e, dificilmente, uma lembrança se desenhará do mesmo modo mais de uma vez. Lembremos a recomendação de BERND (2003, p.22) de que não há identidade “dada, recebida ou definitivamente atingida” e, se memória e identidade são indissociáveis, a consideração se aplica para ambos os aspectos.

A manifestação de memória sempre esteve presente nas relações humanas. Nos primórdios, certamente isso não era um exercício consciente e sim uma expressão recorrente que fatores diversos e com significativa influência dos sentidos. Escutar um som ou sentir um cheiro já conhecido resulta em um efeito. Observar algo que indique uma imagem já antes visualizada também ocasiona uma reação.

A memória é também imprescindível recurso de manutenção cultural, de transmissão de saberes, e perpetuação de crenças tradicionais. Antes do surgimento da escrita ela foi o principal recurso que oferecia esses benefícios, tanto

que, na mitologia grega ela era representada por Mnemosina, a mãe de todas as musas.

Entretanto, o surgimento da escrita não elimina sua importância e seu uso nos hábitos individuais e coletivos, pois não se trata de substituir um elemento por outro, e sim de expressar a memória a partir de registros codificados. E mesmo que existisse esse propósito de substituição isso não se concretizaria pois, como já mencionado, a manifestação da memória não é decorrente apenas de fatores ativamente estimulados, mas também dos espontâneos e involuntários.

Cotidianamente nosso ato de lembrar é acionado mesmo sem nos darmos conta. Se tomarmos como exemplo uma palavra que é de conhecimento de uma grande parte dos integrantes de um grupo, ao ser pronunciada seus ouvintes imediatamente construirão uma imagem dela em suas mentes. Naturalmente não será uma imagem idêntica para todos, mas seu significado ou o conceito terão a mesma base. A palavra relógio, por exemplo, carrega em si um significado que é o de marcar o tempo e possivelmente todos os integrantes de um mesmo grupo adeptos desse objeto terão dele uma imagem basilar em sua mente. O relógio imaginado por cada membro certamente será singular, apresentando características físicas particulares, entretanto, a função do objeto, salvo funções artísticas e performáticas, em geral será consensual. Convém, portanto, considerar que o ato de lembrar é um modo de contar para si algo já vivenciado, é o que afirma Franz (2006, p. 26), “Lembrar é sempre contar-se uma lembrança, mesmo que em flagrantes descontínuos.”

Consideram-se como flagrantes descontínuos a incapacidade de um dado acontecimento apresentar identicamente a mesma imagem sempre que é acionado, visto que o processo do lembrar sempre será resultado de um conjunto de fatores, sejam eles: emocionais, temporais, afetivos, interacionais, dialógicos, entre outros. Desse modo, considera-se o ato de lembrar é em dada medida também um ato de ficcionalizar, e nesse sentido:

[...] sendo seletiva, a memória, orientada pela aspiração de comover, chega, em muitos casos (talvez em todos) a ficcionalizar a vida vivida. Mas não se pode desconsiderar o que há de transtorno nesse processo introspectivo, porque rememorar é difícil de qualquer lado que se aborde a questão: há os episódios esquecíveis ou que se quer esquecer, que podem ser alterados por essa ficcionalização, que nem sempre é alcançada e há a vontade de evocar a “verdade” das pessoas que se amou, a palavra que as traduz ou lhes restitui a vida na memória de quem lembra. [...] (FRANZ, 2006 p.06).

Assim, o que atrai a atenção é como são construídas as imagens da memória, ou seja, a forma que ela surge no imaginário do sujeito, principalmente quando há uma necessidade de representar algo, seja ele vivido em um plano real ou no plano da ficção literária, aproximando-se assim do nosso foco de análise. Deve-se reiterar que, para as discussões memorialísticas, o termo ficção não se coincide necessariamente com uma inverdade. Ele está mais para os modos como essa memória é representada do que com sua falsificação. Isso porque o ato de lembrar não se confunde com o fato vivido, pois este jamais será revivido em um segundo momento e, portanto, uma memória jamais dará conta de restituí-lo identicamente. Qualquer que seja sua representação ela resultará excessos ou faltas, a depender de quem está falando, do momento no qual é falado e dos interesses motivadores. Portanto:

[...] A parte da lembrança que é verbalizada (a vocação) não é a totalidade da lembrança. A descoberta da multiplicidade de lembranças possíveis de um mesmo acontecimento, estimuladas por contextos que mudam, tem um escopo antropológico considerável: ela mostra que “a presença do passado no presente é bem mais complexa, bem menos explícita, mas talvez bem mais forte que a existência de narrativas explícitas nos poderia fazer crer”. O que não é expresso nas lembranças manifestadas, acrescenta Bloch, “tem seu significado social, pois se trata de um ativo colocado em reserva para futuras representações sociais”. É importante, portanto, distinguir entre competência e performance da memória. Nesse sentido, toda tentativa de descrever a memória comum a todos os membros de um grupo a partir de suas lembranças, em um dado momento de suas vidas, é reducionista, pois ela deixa na sombra aquilo que não é compartilhado. (CANDAU, 2018, p.33-34).

Como já levantado anteriormente, assim como a identidade, a memória é dependente do contato com o outro, isto é, do caráter coletivo. Veremos então como o sociólogo Maurice Halbwachs apresenta as concepções de memória.

4.1 CONCEPÇÕES DE MEMÓRIA E SEU CARÁTER COLETIVO E INDIVIDUAL

O sociólogo francês Maurice Halbwachs foi o primeiro pensador a defender que a memória, no plano representativo, esteja necessariamente dependente das relações sociais, conforme afirma a pesquisadora Eliza Bachega Casadeí (2010, p. 154) em artigo dedicado a analisar o conceito inaugurado por Halbwachs. Ele afirma em sua

obra póstuma, *A Memória Coletiva* (2006), que são estreitas as relações entre as memórias individuais e coletivas e que ambas são interdependentes. Isto é, para que a memória coletiva seja construída ela depende necessariamente que integrantes de um grupo a estruturam, conscientemente ou não, mas que certamente interesses ideológicos e identitários terão papel influenciador. São as memórias coletivas de um grupo que favorecem a manutenção de crenças e saberes particulares, permitindo que se perpetuem e sejam transmitidos às gerações futuras.

Os modos de transmissão podem se configurar de inúmeras maneiras, sendo uma delas a oralidade, recurso indispensável nas sociedades ágrafas. Mesmo que a transmissão oral resulte em diversas versões sobre um mesmo acontecimento, a essência do que é transmitido estará presente em todas as reproduções. Até por que, os modos de interação desenvolvidos pela oralidade se dão de maneira espontânea e com os aspectos típicos da oralidade, resultando em marcas específicas de cada falante: atualização; modificação; adaptação e etc. Evidentemente que o cerne do que é transmitido se manterá, mas os modos de transmissão serão singulares.

No entanto, a via oral não é o único meio de exercitar o contato coletivo que resulta na transmissão de memórias. Halbwachs (2006) afirma que, para que uma memória seja resultante da coletividade isso não ocorre necessariamente pelo contato físico e momentâneo. Exemplifica recordando um de seus passeios por Londres, quando, ao caminhar pela cidade, a paisagem resgata as descrições paisagísticas de Charles Dickens, presentes nos romances que Halbwachs leu na infância. Obviamente que Dickens não estava presente fisicamente no mesmo momento da viagem, no entanto, as memórias resgatadas necessariamente estão associadas ao romance escrito por ele, memória esta que é compartilhada com todos os seus leitores que se recordarem de tal leitura, cada um com sua particular imagem cenográfica:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWAHS, 2006, p. 30)

Ainda tomando como exemplo a viagem de Halbwachs, evidentemente que certas lembranças tenham mais nitidez que outras. Alguns eventos certamente no dia seguinte já não seriam mais lembrados. Outros, no entanto persistirão por toda uma vida, resistindo ao tempo. O próprio relato de Halbwachs, estando registrado em sua obra, conserva-se com uma maior durabilidade e multiplica-se através das citações nas diversas produções acadêmicas em que são teorizados.

Se tomarmos, hipoteticamente, como exemplo de sua viagem uma possível construção arquitetônica que tenha atraído sua atenção, a lembrança desse monumento será acionada por intermédio da perspectiva de Halbwachs. No entanto, a imagem evocada é construída com auxílio de todos os que nela exerceram alguma influência, desde o arquiteto que a projetou, até os trabalhadores da construção civil que ergueram suas paredes. Sem o papel de todo o coletivo envolvido a construção não existiria e, por conseguinte, a imagem na memória jamais se materializaria.

O sociólogo lembra ainda que “não lembramos de nossa primeira infância porque nossas impressões não se ligam a nenhuma base enquanto ainda não nos tornamos um ser social” (HALBWACHS, 2006, p.43), fortalecendo assim a tese de que a memória esteja imbricada no caráter social e coletivo, pois no período em questão o contato coletivo tende a ser limitado.

É importante ainda considerar que a vigência da memória coletiva é dependente da vigência do grupo o qual ela é resultante. Essa vigência não se refere necessariamente à existência individual e física de cada integrante do grupo, mas deve, necessariamente, haver com a sensação de pertença a ele:

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com a memória deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte da mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. Que importa que os outros estejam ainda dominados por um sentimento que outrora experimentei com eles e já não tenho? Não posso mais despertá-lo em mim porque há muito tempo não há mais nada em comum entre mim e meus antigos companheiros. Não é culpa da minha memória nem da memória deles. Desapareceu uma memória coletiva mais ampla que ao mesmo tempo compreendia a minha e a deles. (HALBWACHS, 2006, p. 39-40).

Apesar de a memória ter estreito contato com o coletivo, o ato de lembrar tem a outra faceta que diz respeito ao caráter individual nas lembranças. Não é senão o sujeito que, no papel de protagonista, dará forma às suas lembranças, estimulado por fatores internos e externos, como os relacionados às sensibilidades e também os materiais e concretos, mas sempre de modo singular. É a ideia da intuição sensível proposta por Halbwachs:

[...] Assim, na base de qualquer lembrança haveria o chamamento a um estado de consciência puramente individual que chamamos de intuição sensível – para distingui-lo das percepções em que entram alguns elementos do pensamento social. (HALBWACHS, 2006, p.42).

Se tomarmos como paralelo este conceito de intuição sensível somado à tese do caráter coletivo defendido pelo sociólogo, poderíamos ilustrar a ideia de que a intuição sensível seria um mosaico individual, cada sujeito possuindo o seu, sendo impossível um mosaico idêntico a duas pessoas. Esse mosaico é constantemente adaptado e moldado pelos fatores externos, os coletivos, mas a forma e o conteúdo resultarão em algo que somente o autor dessas memórias terá acesso.

No processo de seleção das memórias, aquelas que não são lembradas concentram-se na categoria do esquecimento, que pode ser um modo de apagamento de largos recortes ou apenas de mínimos aspectos. O esquecimento pode assumir um caráter positivo ou negativo dependendo da situação. No caso das memórias mais especiais ou com um maior grau de valor, certamente há o desejo de que elas se eternizem e assim o esquecimento pode ser uma ameaça. Em contrapartida, no caso das memórias negativas e traumáticas, o esquecimento pode ser um estado de alívio para as vítimas, o que tende a direcioná-las à busca por esse apagamento. No entanto isso não garante que o interesse pela extinção de certas memórias, mesmo que traumáticas, seja uma pretensão universal, isto é, não são todas as vítimas de traumas que buscam seu esquecimento. O antropólogo Joël Candau afirma:

Inimigo da memória, o esquecimento, [...], por vezes objeto de medo e tentação, impõe-se sempre sobre as lembranças. Se “nossa é mente porosa no esquecimento”, é sem dúvida porque encontra ali um abrigo, pois o esquecimento, [...], pode acalmar a dor [...] e, de outro lado, porque sem o esquecimento, nossas lembranças não teriam nenhum alívio. A memória esquecida, por consequência, não é sempre um campo em ruína, pois ela

pode ser um canteiro de obras. O esquecimento não é sempre uma fragilidade da memória, um fracasso da restituição do passado. Ele pode ser o êxito de uma censura indispensável à estabilidade e à coerência da representação que um indivíduo ou os membros de um grupo fazem de si próprios. (CANDAU, 2018, p.127).

Há uma corrente literária que se dedica a observar a literatura de testemunho, cujas obras são escritas por vítimas de eventos traumáticos, como guerras e ditaduras. Em geral, a complexidade dessa literatura está na assimetria entre o fato e os elementos oferecidos pela linguagem, resultando sempre na incapacidade de representar o evento o mais similar às barbáries enfrentadas. Ainda assim, outro aspecto característico dessa literatura é a necessidade de anunciação da memória traumática, de modo que a vítima seja escutada e não mais carregue o fardo sozinha, pois a escuta é etapa complementar do ato de testemunho. Além disso, a evocação das barbáries é um aspecto do registro memorialístico que serve de legado para as sociedades de modo a evitar que desumanizantes eventos tornem a acontecer. São nessas condições que se insere a obra *É isto um homem*, autobiografia de Primo Levi, sobrevivente de Auschwitz:

[...] a necessidade de contar aos “outros” e de tornar os “outros” partícipes dos trágicos eventos havia assumido, entre os homens e as mulheres aprisionados no *lager* nazista, o caráter de um impulso imediato e violento que superava todos os demais impulsos e necessidades elementares. Esse livro foi escrito, nas palavras de Levi, para satisfazer essa imperiosa necessidade em busca de uma libertação interior e, quem sabe, em busca da cicatrização da ferida e do esquecimento. Foi escrito porque ele se sentia mais próximo dos mortos que dos vivos, e também porque ele experimentava um sentimento de culpa por ser humano, e eram os humanos os artífices de Auschwitz. Escrever, portanto, era sinônimo de pacificação consigo e com o mundo, era voltar a ser um homem comum e normal, era escapar das garras do passado, era como descarregar um pesado fardo e reconstruir um novo presente. (OLMI, 2006, p.41).

Perceberemos com o avançar das páginas deste trabalho que o romance analisado levanta incontáveis questões relacionadas à memória e umas das que se destaca é a excessiva busca pelo esquecimento por parte do personagem Silvestre Vitalício, o que remete a um possível amparo e alívio da dor sugerido anteriormente por Candau.

5 MEMÓRIA E IDENTIDADE EM *ANTES DE NASCER O MUNDO*

5.1 REPRESENTAÇÃO DA ALTERIDADE E DAS IDENTIDADES

O romance *Antes de Nascer o mundo* é narrado na totalidade em primeira pessoa por Mwanito, personagem protagonista que relata uma sucessão de fatos não lineares, a maior parte vivenciados por ele, e outros contatados a partir de relatos orais ou escritos que chegam a seu conhecimento. A obra é dividida em três capítulos centrais, respectivamente intitulados: *Livro um: A Humanidade*; *Livro dois: A Visita* e *Livro Três: Revelações e Regressos*.

Subdividido em seis pequenos capítulos, o livro um apresenta os seis habitantes de um minúsculo povoado chamado Jesusalém. Ali viviam o protagonista Mwanito, seu irmão mais velho Ntunzi, o pai Silvestre Vitalício e o ex-militar Zacarias Kalash, o Tio Aproximado e a Jumenta Jezibela.

Em “Eu, Mwanito, o afinador de silêncios” tem início não apenas o romance, mas, como o título adianta, a apresentação do personagem protagonista. Mwanito é uma criança que está com onze anos na maioria dos eventos que são anunciados na obra e com essa idade que ele vê pela primeira vez a figura de uma mulher, até então só havia tido contato com masculinas figuras e com a jumenta Jezibela.

Isolados em Jesusalém, ele e seu irmão Ntunzi foram privados de qualquer contato com outras humanidades ou elementos que indicassem a existência de demais sobreviventes, e desprovido de memórias precedentes aos tempos anteriores à inauguração daquele local, suas lembranças todas estão vinculadas à Jesusalém.

Seu maior aliado de aventuras e de partilhas memorialísticas era seu irmão Ntunzi, esse sim possuidor de memórias remotas. Era ele o principal responsável por estimular Mwanito a criar outras vidas, reais e fabulantes:

Meu irmão Ntunzi vivia num só sonho: escapar de Jesusalém. Ele conheceu o mundo, vivera na cidade, lembrava-se da nossa mãe. Tudo isso eu invejava nele. Vezes sem conta lhe pedia que me desse notícias desse universo que eu desconhecia e, de cada vez, ele se demorava em detalhes, cores e iluminações. Os seus olhos brilhavam, crescidos de sonhos. Ntunzi era o meu cinema. (COUTO, 2016, p.53).

É provável que as imagens desses outros mundos resultem nebulosas na mente de Mwanito, pois ele não ouvia as descrições apenas de Ntunzi mas também

de seu pai, e Silvestre insistia que: “o inteiro planeta se resumia assim: despido de gente, sem estradas e sem pegada de bicho. Nessas longínquas paragens, até as almas penadas já se haviam extinto”. (COUTO, 2016, p.11). Se existiam ou não o miúdo ainda não havia tido contato e, portanto, essas ausências realmente eram irreconhecíveis, pelo menos até então. Portanto, para ele, a definição de humanidade até dado momento reduzia-se em:

A humanidade era eu, meu pai, meu irmão Ntunzi, e Zacaria Kalash, nosso serviçal que, conforme verão, nem presença tinha. E mais nenhum ninguém. Ou quase nenhum. Para dizer a verdade, esqueci-me de dois semi-habitantes: a jumenta Jezibela, tão humana que afogava os devaneios sexuais de meu velho pai. E não referi o meu Tio Aproximado. Esse parente vale uma menção: porque ele não vivia conosco no acampamento. Morava junto ao portão de entrada da coutada, para além da permissível distância e apenas nos visitava de quando em quando. Entre nós e a sua cabana ficava a lonjura de horas e feras. (COUTO, 2016, p.12).

No capítulo inicial, além de conterem descrições físicas de Jesusálem, também encontramos aspectos identitários do protagonista. Sua vocação por afinar silêncios é anunciada na passagem que segue:

A família, a escola, ou outros, todos elegem em nós uma centelha promissora, um território em que poderemos brilhar. Uns nasceram para cantar, outros para dançar, outros nasceram simplesmente para serem outros. Eu nasci para estar calado. Minha única vocação é o silêncio. Foi meu pai que me explicou: tenho inclinação para não falar, um talento para apurar silêncios. Escrevo bem, silêncios, no plural. Sim. Porque não há um único silêncio. E todo silêncio é música em estado de gravidez. (COUTO, 2016, p.13).

A partir deste fragmento, rapidamente evocamos as considerações teóricas sobre alteridade e identidade. O próprio vocábulo “outros” é repetido três vezes em duas linhas de modo a argumentar os diversos dons que a pluralidade de sujeitos podem possuir. Obviamente que uma identidade não é reduzida apenas por uma vocação, mas já é um direcionador a se observar e perceber uma possível sensação de pertencimento. Nos casos em que isso é imposto por alguém ou algo não há garantias de que aconteça essa identificação ou sensação de pertencimento. Acontecerá somente quando o protagonista conscientemente perceber essa sensação.

Em relação à vocação de Mwanito, essa imposição se dá inicialmente pelo pai e muito precocemente, aos três anos, período no qual o miúdo ainda não possuía a individual consciência da memória e, conseqüentemente, das identificações:

Mil vezes Ntunzi me fez recordar o motivo por que meu pai elegera como predileto. A razão desse favoritismo sucedera num único instante: no funeral da nossa mãe, Silvestre não sabia estrear a viuvez e se afastou para um recanto para se derramar em prato. Foi então que me acerquei de meu pai e ele se ajoelhou para enfrentar a pequenez dos meus três anos. Ergui os braços e, em vez de lhe limpar o rosto, coloquei as minhas pequenas mãos sobre os seus ouvidos. Como se quisesse convertê-lo em ilha e o alonjasse de tudo que tivesse voz. Silvestre fechou os olhos nesse recinto sem eco: e viu que Dordalma não tinha morrido. O braço, cego, estendeu-se na penumbra:

- Alminha!

E nunca mais ele proferiu o nome dela. Nem evocou lembrança do tempo em que tinha sido marido. Queria tudo isso calado, sepultado em esquecimento.

- E você me ajude, meu filho.

Para Silvestre Vitalício, a minha vocação estava definida: tomar conta dessa insanável ausência, pastorear demónios que lhe abocanhavam o sono. (COUTO, 2016, p.16).

Apesar da atribuição definida à Mwanito ter sido determinada por Vitalício, há indícios de que posteriormente constrói-se uma sensação de identificação ou ao menos uma empatia pela condição atribuída pelo pai. No entanto isso não é afirmado com total convicção, até porque não parece ser uma pretensão para alguém nas circunstâncias em que estava Mwanito buscar construir uma identidade de modo consciente. Por enquanto as identificações e prazeres se davam mais espontânea e despreziosamente que de modo decidido. Ainda assim, temos um elemento indicativo que assume imprescindível relevância nas vivências dos irmãos, trata-se do rio que corria nos fundos de sua casa.

- Vou para o rio!

O mais provável era ninguém me escutar. Todavia, sentia tanto prazer naquela proclamação que a continuava repetindo enquanto me dirigia para o vale. [...]

No rio me demorava em espriados sonhos. Aguardava por meu irmão que, ao fim da tarde, se vinha banhar. Ntunzi despia-se e ficava assim, desprotegido, olhando a água exatamente com a mesma nostalgia com que o via contemplar a mala de viagem que ele fazia e desfazia todos os dias. Uma vez, me perguntou:

- Já estive debaixo de água, miúdo?

Neguei com a cabeça, ciente de que não entendia a fundura da pergunta dele.

- Debaixo de água – disse Ntunzi – enxergam-se coisas impossíveis de imaginar.

Não decifrei as palavras de meu irmão. Mas, aos poucos, senti: a coisa mais viva e verdadeira que acontecia em Jesusalém era aquele rio sem nome. [...] (COUTO, 2016, p.24-25).

Segui-o contra a corrente e fomos sulcando a ondulação até chegarmos à zona onde o rio se meandra, arrependido, e o leito se atapeta de calhaus rolados. Nesse remanso, as águas ganhavam surpreendente limpidez. O Ntunzi largou a minha mão e instruiu-me: eu deveria imitá-lo. Então, mergulhou para depois, todo submerso, abrir os olhos e, assim, contemplar a luz reverberando na superfície. Foi o que fiz: do ventre do rio, contemplei os rebrilhos do sol. E aquele fulgor me encandeou, numa cegueira envolvente e doce. Se houvesse abraço de mãe teria de ser assim, nesse desmaio de sentidos.

- Gostou?

- Se gostei? É tão bonito, Ntunzi, parecem estrelas líquidas, tão durninhas!

- Vê, maninho? Esse é que é o outro lado.

[...] E ficava tempos infindos, olhos deslumbrados, visitando o outro lado do mundo. Meu pai nunca soube mas foi ali, mais do que em outro lugar qualquer, que apurei a arte de afinar silêncios. (COUTO, 2016, p. 27-28).

Relaciona-se assim o estado de identificação que mencionávamos com a prática de afinar silêncios de Mwanito, pois fica evidente o prazer que possuía em contato com aquele elemento que julgava ser o mais vivo e verdadeiro de Jesusalém e era como se a vitalidade fosse contagiada aos miúdos por meio de seus mergulhos. Ntunzi é o responsável por conduzir o mergulho nas sensibilidades. O aliado primogênito apanha o caçula pelas mãos e dão início a essa prazerosa experiência, a qual podemos tomá-la como uma metáfora da descoberta da fruição decorrente do prazer estético proporcionado pela literatura. Ntunzi ocupa o espaço de mediador, o rio o da obra literária e Mwanito o do leitor que acaba de ser aventurar neste incomensurável universo

Se é Ntunzi quem auxilia Mwanito nos desmaios de sentidos que apuraram a arte de afinar silêncios, ele também tem papel responsável pelo dom tão estimado por Silvestre. Assim, temos aqui notáveis exemplos figurativos da já citada teia dialógica das identidades.

Aliás, Ntunzi é o ideal exemplo daquele que, de modo consciente e decidido, não admite as imposições que lhe são destinadas, e disso resulta sua constante busca por fuga daquele território. Revoltosamente não está satisfeito com as autoritárias regras, e quando as cumpre é apenas em decorrência das tiranices de Vitalício. No entanto, há transgressores atos de Ntunzi que simbolizam a ansiedade por emancipação, seja daquele território seja de individualidade. A leitura, um ato transgressor e emancipador por excelência, é exercitada clandestinamente por Ntunzi que com ela, de maneira leal, presenteia seu caçula:

A guerra roubou-nos memórias e esperanças. Mas, estranhamente, foi a guerra que me ensinou a ler as palavras. Explico: as primeiras letras eu as decifrei nos rótulos que vinham colados nas caixas de material bélico. O quarto de Zacaria Kalash, nas traseiras do acampamento, era um verdadeiro paiol. O “Ministério da Guerra”, como o pai lhe chamava. Quando chegámos a Jerusalém, ali se guardavam armas e munições. Zacaria escolheu aquele compartimento para se instalar. Naquela mesma cubata, o militar se surpreendeu decifrando os rótulos dos contentores.

- Isso não se lê, miúdo – admoestou o ex-militar.

- Não se lê? Mas parecem letras

- Parecem, mas não são. Isso é russo, e a língua russa nem os russos sabem ler...

Num gesto brusco, Zacaria rasgou os rótulos. Depois, entregou-me outros, que retirou de uma mesma gaveta e que, segundo ele, eram a tradução que o Ministério da Defesa fizera dos originais em russo.

- Você lê apenas estes papéis que são em puro português.

- Me ensine a ler, Zaca.

- Se quiser aprender, aprenda sozinho.

Aprender sozinho? Impossível. Mais impossível, porém, seria esperar que Zacaria me ensinasse fosse o que fosse. Ele sabia das ordens do meu pai. Em Jerusalém não entrava livro, nem caderno, nem nada que fosse parente da escrita.

- Pois eu o ensino a ler.

Foi o que, mais tarde, disse Ntunzi. Recusei. Era demasiado arriscado. O meu irmão já me estreara a ver, no rio, o outro lado do mundo. Não podia imaginar como reagiria o velho Silvestre caso soubesse das transgressões do seu primogênito.

- Eu o ensino a ler – repetiu ostensivamente.

E foi assim que começaram as primeiras lições. Uns aprendem por cartilhas, em salas de aula. Eu me iniciei soletrando receitas de guerra. A minha primeira escola era um paiol. As aulas ocorriam na penumbra do armazém, nos longos períodos em que Zacaria estava ausente, aos tiros pelo mato.

Eu já juntava palavras, tecendo frases e parágrafos. Rapidamente notei que, em vez de ler, a minha tendência era entoar como se estivesse perante pauta de música. Não lia, cantava, redobrando a desobediência.

- Não tem medo de sermos apanhados, Ntunzi?

- Você deve ter medo é de não saber. Depois da leitura, vou ensinar-lhe a escrever. (COUTO, 2016, p.40-41).

Desse modo, Ntunzi não era apenas outro mundo onde Mwanito se reconhecia por diversas situações. Com o presente da leitura ele oferecia um passaporte a multiplicantes universos, os quais são originados pelo ato da leitura, e de brinde ainda recebia o direito de se reconhecer e se redescobrir constantemente como indivíduo.

Mas a relação de alteridade entre os irmãos não acontecia unilateralmente, pois assim como Mwanito era um pouco Ntunzi, Ntunzi também estava suscetível às influências do caçula. Mwanito exercia o ativo e complementar papel de ouvinte no ato de narração das memórias de seu irmão. Algumas vezes, inclusive, tais

memórias eram relatadas a seu pedido, enchendo Ntunzi de contentamento. Eram dois inseparáveis irmãos, biológicos e em identificações.

Do modo como aqui é apresentado pode aparentar que, apesar dos limites geográficos que Jesusalém impunha, a fantasia e o contentamento distanciavam a presença da adversidade. Entretanto o excesso de limites e de rotina, somado à escassez de novidades, tomava tal proporção que num dado momento fez com que Ntunzi não resistisse a uma enfermidade:

Aos poucos foi perdendo peso, os ossos picando-lhe a pele. Uma vez mais, meu pai se preocupou:

- Então, filho, o que se passa?

Ntunzi ripostou com pacificados modos, tão suaves que eu mesmo me surpreendi:

- Estou cansado, pai.

Cansado do quê? Se você não faz nada de manhã à noite?

- Não viver é o que mais cansa.

Gradualmente, surgia claro: Ntunzi entrava em greve de existir. Mais grave que qualquer doença, era essa total desistência dele. (COUTO, 2016, p.65).

Associa-se esse não viver à ausência de novidades, de trocas e de partilhas pois além de transgressor Ntunzi possuía sede de renovações, de ampliação em sua vitalidade. Como era de se esperar, em uma situação como esta, Mwanito se mantinha como fiel companheiro:

- Mano Mwana, faça-me um favor... vá ao muro das traseiras e risque mais uma estrelinha.

Pus-me a caminho, sentindo os passos de meu pai atrás de mim. Dirigi-me às ruínas do antigo refeitório e apenas fiz pausa quando vi pela frente um enorme muro que havia sido incendiado e preservava a cor negra chamuscada. Nesse paredão, com uma pedrinha, eu desenhei uma estrela. Escutei a voz do pai atrás de mim:

- Que raio de coisa é esta?

A parede escura estava povoada de milhares de estrelinhas que Ntunzi diariamente rabiscava, como obra de prisioneiro na parede do cárcere.

- Este é o céu de Ntunzi, cada estrela é um dia.

Não posso ter certeza, mas pareceu-me ver os olhos do meu pai serem invadidos por uma inesperada água. Dentro dele se rasgava um dique, borbotoavam velhos prantos que durante anos soubera conter? Nunca poderei estar certo. Porque, no instante seguinte, ele empunhou uma pá e com ela começou a raspar a parede. A lâmina de metal fazia saltar a camada enegrecida onde Ntunzi redigira a passagem do tempo. Silvestre Vitalício demorou-se nessa destruidora labuta. Quando terminou, estava coberto de placas de tinta escura, e ele, exausto, retomou o caminho como se fosse um réptil de escamas negras. (COUTO, 2016, p.66-67).

Apesar dos limites vitais que a enfermidade resultou em Ntunzi, seu céu não podia passar uma noite sem ganhar a estrela diária, então, Mwanito ocupou seu

posto de estrelar o céu do cárcere demonstrando a obstinação do irmão em sua contagem regressiva pela emancipação e a conquista da tão desejada libertação. Nesta passagem, adianta-se o que será pormenorizado no avançar deste estudo, o desejo de Vitalício de apagar do tempo, representado pelo desestrelar do céu de Ntunzi.

Ainda no que tange às identidades, alteridades e pertencimentos, surge no *Livro dois: A Visita*, a personagem Marta, uma portuguesa que está em a procura do seu marido Marcelo e que, coincidentemente, o destino a aproxima de Tio Aproximado. Contrariando as ordens de Vitalício, Aproximado clandestinamente oferece como repouso na desabitada casa grande que, apesar de situar-se nos limites de Jesusalém, era relativamente distante da casa onde a família repousava. Além disso, as ordens paternas não permitiam que os irmãos para lá se direcionassem o que oferecia despreocupações a Aproximado. No entanto, uma despretenhosa desobediência conduz Mwanito em direção àquela que seria a primeira mulher fisicamente vista por ele tornando-se uma das mais eternas e impactantes memórias de sua existência:

Foi então que sucedeu a aparição: surgida do nada emergiu a mulher. Uma fenda se abriu a meus pés e um rio de fumo se neblinou. A visão da criatura fez com que, de repente, o mundo transbordasse das fronteiras que eu tão bem conhecia.

De soslaio, olhos semicerrados, enfrentei a intrusa. Ela era branca, alta e vestia como um homem, de calças, camisa e botas altas. Tinha os cabelos lisos, meio ocultos por debaixo de um lenço [...]. O nariz e os lábios estavam mal desenhados e, somados ao tom da pele, davam-lhe um ar de criatura desenterrada.

Apeteceu-me fugir, mas as pernas eram raízes seculares. Sem mexer a cabeça, rodei o olhar pela rua desfocada e procurei socorro. Nada. Nem Ntunzi nem Zacaria se vislumbravam e apenas uma neblina cobria a paisagem em redor. Entontecido, senti a lágrima pesar-me mais que o próprio corpo. Foi então que escutei as primeiras palavras da mulher:

- Estás a chorar?

Sacudi, com energia, a cabeça. A confissão da minha fragilidade, pensei, apenas poderia encorajar as diabólicas intenções da aparecida.

- O que procuras meu filho?

- Eu? Nada.

Falei? Ou foram palavras que me passaram por mim sem que desse conta? Porque me encontrava em desamparo total, descalço sobre um chão escaldante. Inesperadamente, já não sabia viver, a Vida se havia convertido numa desconhecida língua.

- O que se passa, tens medo de mim?

A voz terna e doce só agravou o meu estado de irrealidade. Passei a mão pelos olhos a corrigir as lágrimas e depois, lentamente, ergui o rosto para avaliar a criatura. Mas sempre de soslaio, com medo de a visão me arrancar os olhos para sempre. [...]

A intrusa passou por mim, senti pela primeira vez a doçura de um perfume feminino. E ela se afastou em direção à saída. Deitei tento no modo como

se movia, graciosa, mas sem os caricatos trejeitos com que Ntunzi representara as fêmeas criaturas.

- Desculpe, a senhora é mesmo uma mulher?

A intrusa ergueu os olhos, feridos por uma dor antiga. Demorou uma nuvem, sacudiu uma tristeza e perguntou:

- Porquê? Não pareço mulher?

- Não sei. Nunca vi nenhuma antes.

Aquela era a primeira mulher e ela fazia o chão evaporar. Passaram-se anos, tive amores e paixões por mulheres e, sempre que as ameí, o mundo voltou a fugir-me dos pés. Aquele primeiro encontro marcou em mim, fundo, o misterioso poder das mulheres.

(COUTO, 2016, p.123-125).

O turbulento encontro marca definitivamente a vida de Mwanito a ponto de este evento, afetosamente protegido em sua memória, ser acionado e revivido em outras várias ocasiões. Além de impactante, a descoberta de Marta dá início à relação afetuosa que o miúdo estabelece com ela a ponto de conseguir associar semelhanças e diferenças estabelecidas entre suas personalidades:

O que eu gostava em Marta era a sua gentileza. Ela escrevia, todos os dias se debruçava sobre os papéis, alinhavando caligrafias. Tal como eu, Marta era uma estrangeira no mundo. Ela escrevia lembranças, eu afinava silêncios. (COUTO, 2016, p.152).

O hábito de escrever cartas é desvendado por Mwanito a partir de uma das ordens de seu pai. Assim que toma conhecimento da presença de uma desconhecida em seu território, Vitalício determina que seu filho descubra tudo o que conseguir a respeito da vida de Marta. Assim, o miúdo clandestinamente vasculha os pertences da portuguesa e encontra suas apaixonadas cartas escritas para Marcelo. No entanto, Mwanito preserva apenas consigo as informações contidas nos papéis, pois seu pai não poderia saber que havia violado suas ordens e adquirido as habilidades da leitura.

É também por meio de cartas que nas páginas finais do romance Marta cumpre papel excepcional, tanto para o enredo em geral, e principalmente por ser ela quem desvenda as causas da morte de Dordalma, mãe de Mwanito e Ntunzi. Através de seus registros a portuguesa traz à tona acontecimentos significativos da história do protagonista.

Contudo não é para falar de mim que te escrevo. Mas de tua mãe Dordalma. Falei com Aproximado, com Zacaria, com Noci, com os vizinhos. Todos me contaram pedaços de uma história. É meu dever devolver-te esse passado que te foi roubado. Dizem que a história de uma vida se esgota

com o relato de sua morte. Esta é a história de Dordalma, de como ela perdeu a vida, depois de ter se perdido em vida. (COUTO, 2016, p.242).

Marta além de cumprir um papel similar a uma guardiã do passado de Mwanito, transmitindo a ele fatos relacionados à sua mãe Dordalma, nesta mesma carta ela também o encorajou a embarcar em outras experiências além de apenas afinar silêncios, isto é, ele merecia desfrutar do prazer de que outras vidas poderiam lhe reservar: “Tu és um menino, Mwanito. Há muita viagem, muita infância que podes ainda viver. Ninguém poderá pedir que não sejas mais que um pastor de silêncios”. (COUTO, 2016, p. 250).

Como já citado em vários momentos, identidade e memória são indissociáveis e assim, quando discutimos um desses aspectos muitas vezes as considerações também são aplicáveis ao outro. Apesar dessa similaridade, e visando sistematizar os apontamentos, as próximas páginas terão enfoque central nas representações de memória, mas que paralelamente também podem ser suscetíveis questões relacionadas à identidade.

5.2 REPRESENTAÇÕES DE MEMÓRIAS E ESQUECIMENTO

Intitulada como *Antes de Nascer o Mundo* pela editora brasileira Companhia das Letras, o romance de Mia Couto originalmente denomina-se *Jesusalém* em editoras portuguesas e esse título indica não apenas o ambiente onde a narrativa sucede mas também simboliza o desejo de esquecimento.

Jesusalém, território onde habitam isoladamente os personagens, é inaugurado pelo viúvo Silvestre Vitalício que, através da fundação desse novo local, busca apagar todas as memórias anteriores a ele. Como já é de se suspeitar, essa pretensão é resultante do traumático acontecimento da morte de sua esposa Dordalma. As causas que resultam em seu falecimento são atordoantes para Silvestre que, por intermédio do esquecimento, busca extinguir tais perturbações. As crueldades cometidas a ela na véspera de sua morte, ainda que sejam impossíveis de serem dimensionadas, são relatadas na carta que Marta destina a Mwanito:

Eis os fatos, nus e crus. Nessa manhã tua mãe entrou no chapa-cem e espremeu entre os homens que enchiam a viatura. O autocarro partiu, entre

fumos, animado de estranha pressa. O chapa não seguiu rumo habitual. O motorista desconduziu-se, distraído, quem sabe, pelo espelho que lhe entregava as retrovisões da bela passageira. Por fim, o autocarro parou num esconso e escuro baldio. O que se passou a seguir me dói escrever.

A verdade é que, de acordo com as esquivas testemunhas, Dordalma foi arremessada no solo, entre babas e grunhidos, apetites de feras e raivas de bicho. E ela foi-se afundando na areia como se nada mais que o chão protegesse o seu frágil e trémulo corpo. Um por um, os homens serviram-se dela urrando como se se vingasse de uma ofensa secular.

Doze homens depois, a tua mãe restou no solo, quase sem vida. Nas seguintes horas, ela não foi mais que um corpo, um vulto à mercê dos corvos e dos ratos e, pior que isso, exposto aos olhares maldosos dos raros passantes. Ninguém a ajudou a erguer-se. Vezes sem conta tentou recompor-se, mas, não encontrando forças, voltou a tombar, sem lagrima, sem alma. (COUTO, 2016, p.242-243).

Na sequência do que é narrado, já na escuridão da noite, Silvestre apanha a esposa nos braços e a leva para casa, repousa-a na mesa e assim que a vítima recupera a consciência, a colérica voz do marido ordena:

- Consegue ouvir-me?

- Consigo

- Pois escute bem o que lhe vou dizer: nunca mais me envergonhe desta maneira. Escutou bem?

Dordalma acenou afirmativamente, olhos fechados, e ele levantou-se para lhe virar as costas. A tua mãe colocou os pés no chão e procurou apoio no braço do marido. Silvestre desviou-se e lhe negou a saída para o corredor:

- Fique aqui. Não quero que os miúdos cruzem consigo nesse estado.

[...] O teu pai despertou alarmado como se uma voz interior o chamasse. O peito arfava, o suor escorria como se ele fosse feito só de água. Foi à janela, correu os cortinados e viu a esposa pendurada na árvore. Os pés estavam a pouca distância do chão. Entendeu de imediato: essa pouca distância era o que separava a vida da morte.

Antes que a rua despertasse, Silvestre dirigiu-se à casuarina com passo estugado como se ali, à sua frente, apenas estivesse uma criatura vegetal, feita de folhas e ramos. A tua mãe lhe surgiu como um fruto seco, a corda não sendo mais que um pecíolo tenso. Esbracejou contra as ramagens e, em silêncio, cortou a corda para escutar o baque surdo de encontro ao chão. E logo se arrependeu. Aquele som já antes ele escutara: era o barulho da terra tombando sobre a tampa do caixão. Aquele ruído iria incrustar-se nos seus ouvidos como musgo na parede sombria. Mais tarde, o teu silêncio, Mwanito, foi a sua defesa contra esse eco recriminador. (COUTO, 2016, p. 244-246).

Temos aqui reveladas as provocadoras perturbações de Vitalício. Todo o martírio que sequenciou a morte de Dordalma é indubitavelmente o causador deste assombro. No entanto, o elemento mais atordoante disso tudo evidentemente é o ruído da caída de Dordalma quando toca o chão. Esclarecem-se assim as causas da obsessão pelos silêncios de Mwanito, pois apenas através dele a chaga da culpa era momentaneamente anestesiada. Este som acusatório aponta ainda para a estreita

relação entre os sentidos e a memória, como bem afirma Bartolomeu Campos de Queirós:

Com os ouvidos nós escutamos o silêncio do mundo. E dentro do silêncio moram todos os sons: canto, choro, riso, lamento. [...] Os ouvidos tem raízes pelo corpo inteiro. (QUEIRÓS, 2009, p.10-11).

Era a divindade desse silêncio da qual Silvestre tanto estimava, pois era ela quem temporariamente distanciava a martirizante culpa.

Evidentemente que os silêncios de Mwanito não eram definitivos, assim como também não o eram os alívios de Vitalício. Em razão disso, sua obstinação pelo apagamento do passado resultava-se em outras atitudes, e logo que desembarcaram em Jesusalém a primeira delas foi organizar uma celebração de rebatismos:

[...] Quando nos mudamos para Jesusalém, meu pai nos conferiu outros nomes. Rebaptizados, nós tínhamos outro nascimento. E ficávamos mais isentos de passado. [...]

E fomos convocados um por um. E foi assim: Orlando Macara (nosso querido tio madrinho) passou a tio aproximado. O irmão mais velho, Olindo Ventura, transitou para Ntunzi. O ajudante Ernestinho Sobra foi renomeado como Zacaria Kalash. E Mateus Ventura, meu tribulado progenitor, se converteu em Silvestre Vitalício. Só eu guardei o mesmo nome: Mwanito.

- Este ainda está nascendo – justificou assim meu pai a permanência do meu nome.

Eu tinha vários umbigos, já nascera vezes sem conta, todas elas em Jesusalém, revelou Silvestre em voz alta. E seria em Jesusalém que iria concluir meu último parto. (COUTO, 2016, p.37-38).

Com a cerimônia do rebatismo buscava-se desbatizar os passados, isto é, apagar todas as memórias antecedentes à Jesusalém. Mwanito foi o único que não se desbatizou, pois ainda estava nascendo. Ou seja, na época dos seus três anos ainda não havia adquirido a faculdade de armazenar lembranças e, portanto, não corria o risco de evocar passados e assim não carecia de um novo nome.

Já tomamos conhecimento que a obsessão pelo apagamento definitivo das remotas memórias não foi concretizada como pretendia Silvestre. Isso porque, tanto a memória quando as manifestações de identidade são excessivamente complexas para serem controladas. Portanto, salvo a condição da idade em que se enquadrava Mwanito e também alguns casos patológicos, os esquecimentos sucedem mais espontaneamente que voluntariamente. Isso explica a permanente sensação de culpa que atordoava Silvestre:

Ntunzi escolheu ao acaso uma página e leu em voz alta: “Esta é a minha última fala, proclamou Silvestre Vitalício. Fiquem atentos, meus filhos, porque jamais ninguém voltará a me escutar. Eu mesmo me despeço da minha voz. E voz digo: cometeram um grave erro ao me trazerem para a cidade. Estou assim falecente por causa dessa traiçoeira viagem. A fronteira entre Jesusalém e a cidade não foi nunca traçada pela distância. O medo e a culpa foram a única fronteira. Nenhum governo no mundo manda mais que o medo e a culpa. O medo me fez viver, recatado e pequeno. A culpa me fez fugir de mim, desabitado de memórias. Era isso Jesusalém: não um lugar mas a espera de um Deus que ainda estivesse por nascer. Só esse Deus me aliviaria de um castigo que a mim mesmo me havia imposto. Contudo, só agora entendi: meus filhos, meus dois filhos, só eles podem me trazer esse perdão”. [...]

- Isso é verdade, Mano? O pai falou assim?

- Nestas páginas tudo é a nossa vida. E viver, mano Ntunzi, quando é de verdade?

Arrumei as folhas e as coloquei dentro da pasta. E lhe ofereci o meu livro como único derradeiro pertence.

- Aqui está Jesusalém.

Ntunzi abraçou a pasta e adentrou pela casa. Fiquei olhando o meu irmão desvanecendo-se no escuro, enquanto me ressurgiam memórias do tempo em que apagávamos caminhos para proteger o nosso solitário reduto. E me veio à lembrança a penumbra onde decifrei as primeiras letras. E recordei o estrelinhar das luzes sobre o rio. E o riscar dos dias no negro muro do tempo. (COUTO, 2016, p. 276).

Assim foram as várias Jesusaléns: primeiramente um local inaugurado por Silvestre em buscas de esquecimento, que posteriormente tornou-se uma região à espera de um Deus que aliviasse suas culpas, mas que efetivamente para o Mwanito, tornou-se o baú cenográfico de suas lembranças. Por intermédio da escrita ele resguarda Jesusalém em seus valiosos papeis, presenteando com memórias àquele que o presenteou com a faculdade da escrita, seu fiel irmão Ntunzi.

Também pela simbologia da fundação de Jesusalém é que nos deparamos com a alegoria das tirânicas imposições existentes em eventos históricos e políticos tidos como inaugurais, desconsiderando tudo que já era existente até então por serem inconvenientes ou desnecessários às intenções políticas vigentes. A dissemelhança no caso de Silvestre é que, de modo contraditório, seu isolamento e sua busca pelo apagamento do passado visam o distanciamento da dor (não unicamente a associada à perda de Dordalma, mas também as ocasionadas pela guerra civil) tornando a atitude de Silvestre semelhante a dos causadores da barbárie. Assim, ele acaba comentando a extinção do passado em todos os aspectos e não apenas no da memória do trauma. As tirânicas, no entanto, sejam elas as de Silvestre ou de qualquer decisão política que seja, por mais violentos e

cruéis que sejam os seus feitos, não são suficientes para aniquilar a resistência da memória e sua busca de descoberta pelo que havia “Antes de Nascer o Mundo”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos com a presente pesquisa observar a representação das identidades, das memórias e do esquecimento, apresentadas no romance *Antes de Nascer o Mundo*. Pudemos denotar nele a nítida presença das proposições de Halbwachs (2006) em relação ao caráter coletivo da memória refletidas no protagonista Mwanito, pois ele é completamente dependente de que seu passado seja restituído pelas memórias alheias, uma vez que não possuía recordação de sua primeira infância. Paradoxalmente, é uma portuguesa quem, por meio de suas cartas, lhe devolve o recorte mais emblemático de seu passado.

Percebemos ainda a estreita e indissociável relação entre memória e identidade, como acontece no caso da cerimônia dos rebatismos, momento em que busca-se a extinção do passado justamente através da censura dos anteriores nomes (identidade) que os habitantes traziam consigo. Evidentemente que isso decorreu-se apenas no plano da idealização pois, como pudemos perceber, manifestação de memórias e identidades são mais espontâneas que voluntárias e não são facilmente moldáveis conforme o desejo do indivíduo. Isso porque as identidades estão em transito e constantemente reconstruindo-se e se recombinao. A memória, por sua vez, é acionada por influência de vários fatores e está bastante relacionada à ficcionalização, a qual não deve se coincidir com falsificação e sim com os fatores influentes na performance do que é lembrado.

O mesmo raciocínio serve ainda para o esquecimento pois, se não temos total controle daquilo que lembramos e da forma como lembramos, também não o temos sobre o esquecimento. Pudemos perceber que, tanto aquele que deseja eternizar um dado acontecimento em sua memória quanto aquele que deseja extingui-lo, não assumem garantias de que serão bem-sucedidos em seus propósitos. Isso é bem representado por Silvestre Vitalício e encontramos nele um dos mais atordoantes efeitos da memória, a culpa e a impossibilidade de controle sobre seu esquecimento.

É característico das obras de Mia Couto sua farta disposição para elementos relacionados aos sentidos e à memória. Apesar desta não figurar um sexto sentido, pelo menos de modo convencional, a memória pode ser considerada como algo que está sempre associado aos cinco sentidos, pois sempre que eles são estimulados a memória também o é. Em *Antes de Nascer o Mundo* essa sensibilidade é bastante apurada pela posição da criança. Percebemos isso através

da total entrega de Mwanito em seu mergulho no rio resultando-se em um “desmaio dos sentidos”. Dessa experiência, proporcionada por aquele elemento mais vital de Jerusalém, resulta-se a apuração de sua habilidade por afinar silêncios. Além disso, o rio é um dos elementos citados nos escritos memorialísticos de Mwanito, registrados em seus valiosos papéis que são oferecidos à Ntunzi no final do romance.

Constatamos ainda de que maneiras configura-se o exercício da alteridade em favor da constituição do sujeito. A harmoniosa relação entre os irmãos foi fundamental, seja para enfrentar o exílio seja para constituir suas identidades, principalmente a de Mwanito. Isto porque sem Ntunzi talvez a experiência oferecida pelo rio talvez não acontecesse, nem tão pouco haveria perspectiva de adquirir a faculdade da leitura, clandestinamente presenteada pelo primogênito. Essa habilidade é certamente uma das mais valiosas heranças que Ntunzi poderia ter concedido ao irmão, pois sem isso o passado de Mwanito não teria sido a ele devolvido por intermédio das cartas redigidas por Marta.

Estes aspectos, de alteridade, identidade, memória, sentidos, e outros possíveis que não vieram a ser evocados, tornam a obra de Mia Couto universal em relação às temáticas existenciais mesmo que geograficamente ela seja ambientada em território específico, o continente africano. Aliás, esse aspecto não deve ser perdido de vista pois sendo ela uma obra africana, e considerando sua fértil receptividade em território brasileiro, favorece o intercâmbio cultural entre Brasil e África. Além disso, sua presença em ambiente acadêmico é um meio de fomentar sua circulação nos contextos educacionais e culturais, exercício este que favorece a efetivação da lei 11.645/2008, que determina o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino.

Esperamos ainda que esta pesquisa possa favorecer a aproximação com o maior número de leitores possíveis, incentivando o envolvimento com esta encantadora obra que em 2019 completa 10 anos de sua primeira publicação. Além disso, esperamos também que haja uma contribuição favorável à sensibilização dos sentidos e, conseqüentemente, uma maior disposição à poeticidade, assegurando que estes aspectos são fundamentais para a constituição efetiva do sujeito em sua totalidade. Esperamos que esclareça-se também que, ao contrário das ciências exatas, técnicas ou outras linguagens do conhecimento, a literatura e demais linguagens artísticas não alcançam respostas únicas e exclusivas, mas isso não as

torna menos importantes ou inferiores em grau de prioridade. Além do mais, elas não carregam pretensões prévias tal quais as outras ciências. Se há alguma pretensão na literatura é a de dar a voz ao leitor.

REFERÊNCIAS

- BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. 2 ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.
- BONNICI, Thomas. **Conceitos chave da teoria pós-colonial**. Maringá, PR: Eduem, 2005.
- BRASIL. **Lei 11.645, de 11 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: <http://planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm>. Acesso em: 05 ago. 2018.
- CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo. Contexto, 2011.
- CASADEI, Eliza Bachega. Maurice Halbwachs e Marc Bloch em torno do conceito de memória coletiva. **Revista Espaço Acadêmico**. São Paulo, nº 108, p. 153-161, mai. 2010. Disponível em: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/%20EspacoAcademico/article/viewFile/9678/5607>>. Acesso em: 05 ago. 2018.
- COUTO, Mia. **Antes de Nascer o Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- COUTO, Mia. **O Bebedor de Horizontes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- COUTO, Mia. **Que África escreve o escritor africano**. *Pensatempos*. Lisboa: Caminho, 2005.
- COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. **Mia Couto: espaços ficcionais**. - Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- FRANZ, Marcelo. **A Inquietude da Memória: o significado do lembrar em romances de Virgílio Ferreira**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.
- GLISSANT, Edouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A, 1998.

Literatura africana pós-colonial. - Produção de Literatus TV, 2015. (14:06 min.)
Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=dQyeJPOEy6g> >. Acesso em 06 ago. 2018>

MARTINS, Celina. **O Estorinhador Mia Couto.** A poética da diversidade. Disponível em: <<http://revistabrasil.org/revista/artigos/celina3.html>>. Acesso em: 19/05/16.

ONDJAKI. **O Miar do Couto.** In CAVACAS, Fernanda; CHAVES, Rita; MACÊDO, Tânia. Mia Couto: um convite à diferença. São Paulo: Humanitas, 2013.

OLMI, Alba. **Memória e memórias:** dimensões e perspectivas da literatura memorialista. Santa Cruz do Sul. Edunisc, 2006.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Os cinco sentidos.** São Paulo: Global, 2009.

RIOS, Peron Pereira Santos Machados. **A viagem infinita:** um estudo de Terra Sonâmbula. 115f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) Universidade Federal de Pernambuco, 2005.